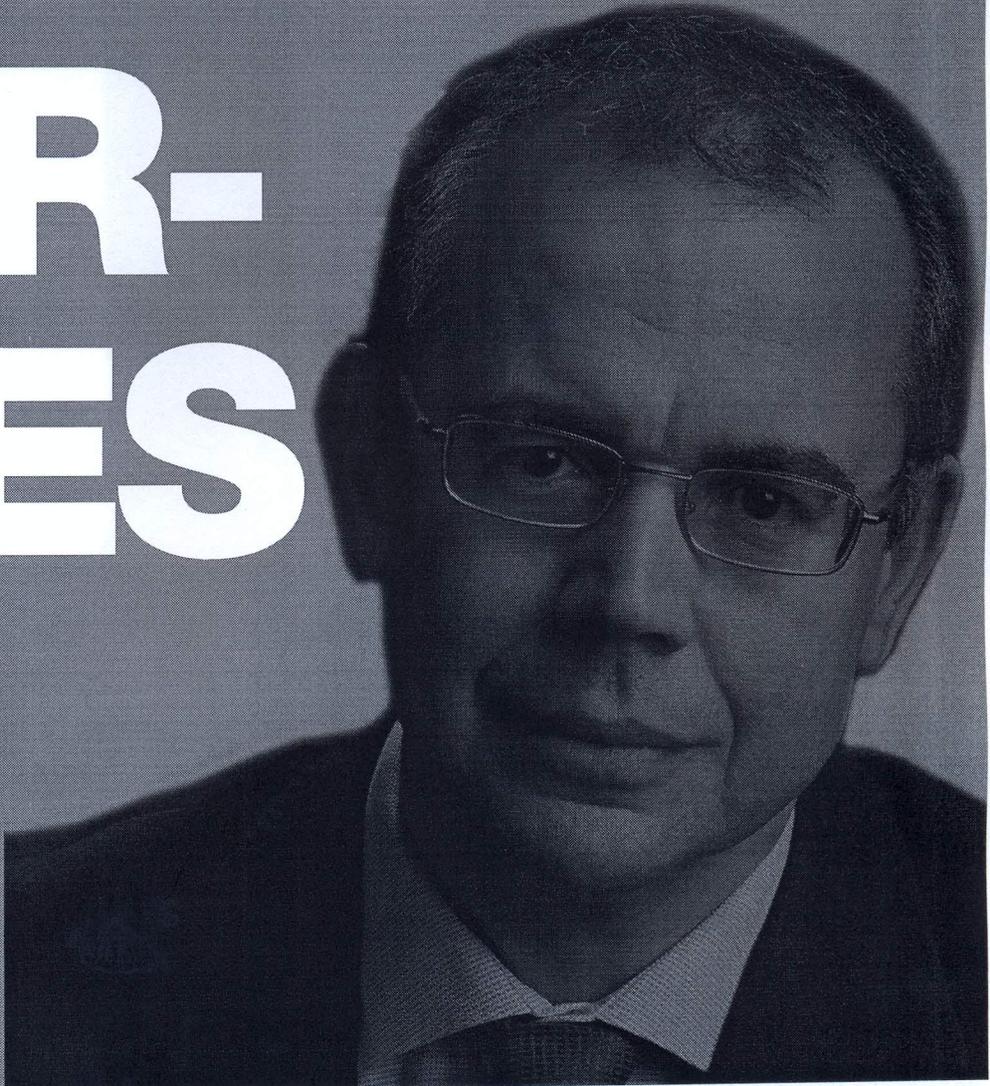


Revista FILOSOFALANDO N:2 / Revista Portuguesa de
Filosofia Aplicada
Julho de 2012

VIRIATO SOROMENHO MAR- QUES



*fotografia original de Veríssimo Dias

“A CRISE AMBIENTAL É A ESSÊNCIA DA ONTOLOGIA NA CONTEMPO- RANEIDADE”

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES É UM FILÓSOFO DAS MIL INTERVENÇÕES. Escreve em jornais e revistas, pertence a comissões oficiais, “orientou mais de mil conferências e cursos breves em Portugal e em vinte e três outros países”, dirigiu programas de reflexão... Lecciona Filosofia na Universidade de Lisboa. E “publicou cerca de três centenas de estudos, abordando temas filosóficos, político-estratégicos, e ambientais”, entre eles cerca de vinte livros de temáticas bem diversas mas sempre directamente relevantes para os problemas na ordem do dia. A sua intensa actividade apenas nos permitiu ouvi-lo por mail.

Antes de mais, o que o faz mover?

Viriato Soromenho-Marques: Um grande gosto pela vida. Uma imensa curiosidade por perceber a linguagem das coisas, que gosta de ocultar-se, como sabemos desde os pré-socráticos... Sobretudo, penso que me interessa quase que por “instinto” por tudo aquilo que tem relação com a efemeridade, com a passagem do tempo, com a temporalidade do mundo. Julgo ter uma inclinação “intuitiva” para o que me parece constituir um perigo, um risco, uma situação limite. Foi por isso que desde muito jovem me interessei pelos temas ambientais e estratégicos, que se prendem umbilicalmente à intrínseca vulnerabilidade da nossa civilização tecnocientífica.

E depois, como consegue manter uma actividade intelectualmente sustentável em todas estas frentes? E como consegue revelar uma reflexão consolidada em várias frentes de informação, desde as ciências da natureza à história política?

O segredo é simples: trabalho, muito trabalho. Todos os dias. Sobretudo, uma grande paixão e entrega às coisas que estudo e que pretendo compreender melhor. Um exemplo: para perceber o que se passa com a Zona Euro, desde final de 2010, que dedico pelo menos duas horas diárias à leitura da imprensa económica nacional e internacional.

No fundo, o que pretende “fazer” com todas essas linhas de intervenção?

A minha aposta básica é a recusa do fatalismo. Acredito que a vida é melhor do que a morte. Que a aurora é preferível ao crepúsculo, quando estamos a falar na vida das pessoas e do mundo. Quando estudei a guerra-fria, e publiquei, em 1985, o único ensaio português sobre a crise dos euromísseis, o que pretendia era contribuir para evitar uma guerra nuclear em geral, e em particular um conflito localizado na Europa. Na minha intervenção ambiental, quero ajudar a evitar uma catástrofe ecológica global. Ao estudar a estúpida arquitectura da União Económica e Monetária, o que pretendo é ajudar a evitar o brutal recuo na vida de 500 milhões de europeus, e os impactos negativos que o colapso da Zona Euro teria no resto do mundo.

E, no entanto, essa não é a “tradição” filosófica de um professor universitário de filosofia. A verdade é que não é muito comum encontrarmos filósofos quer na comunicação social, quer a gerir processos de reflexão fora da Academia, muito menos a participar em movimentos cívicos. Porquê esta ausência da filosofia do espaço público e dos movimentos de cidadania em Portugal?

Eu quero crer que estou a seguir o melhor da tradição clássica. Revejo-me, com a humildade e na proporção reduzida que é a minha, no esforço cosmopolita de Leibniz ou Kant. A capacidade de meter as mãos na massa dos maiores pensadores/actores políticos norte-americanos, como Hamilton e Madison. Eles são a minha fonte de inspiração. Como Nietzsche nos ensinou, os filósofos devem pensar enquanto caminham, isto é, no convívio com as coisas. O que ocorre é que muitos filósofos contemporâneos se sentem, muitas vezes, esmagados por um mundo cuja complexidade lhes parece impenetrável, e, sobretudo, um mundo que já não conta com eles para se pensar a si próprio. As crises contemporâneas são também o resultado do vazio, da ausência do pensamento crítico da sociedade contemporânea sobre si própria.

**“AS CRISES
CONTEMPORÂNEAS
SÃO TAMBÉM O
RESULTADO DO VAZIO,
DA AUSÊNCIA DO
PENSAMENTO CRÍTICO
DA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA
SOBRE SI PRÓPRIA.”**

Por exemplo, nos cursos universitários de Filosofia estuda-se Ética e Filosofia Política, por exemplo. Entretanto, é já normal ouvirmos dizer que a espécie humana corre riscos de sobrevivência e é sabido e experienciado na pele que o mundo em geral e a Europa em particular sofrem problemas sérios, decisivos, de carácter político. O que se estuda nas universidades não tem nada a ver com o que se vive no mundo? Deveria ter. E, no que à Filosofia diz respeito, até tem. O estudo da história da Filosofia é fundamental para aceder ao «software» do pensamento crítico. O que os filósofos podem ajudar é a desenvolver uma metodologia para o estudo do que poderemos designar como as formas e categorias transcendentais da nossa contemporaneidade (tais como a historicidade, a Natureza, a técnica, as esferas do político, etc).

É claro que Viriato Soromenho-Marques não pode ser acusado desta ausência filosófica. Interessamos perceber porquê. Por exemplo, porque participou no movimento associativo, por exemplo através da Quercus, de que foi dirigente e aí ficou contaminado com as “radiações” da realidade? Ou terá sido por alguma outra razão decisiva? Afinal, os efeitos têm causas ou factores...
Para mim a crise ambiental é a essência da ontologia na contemporaneidade. Não podemos pensar a Natureza fora da história, como na Grécia. O tempo já não é um acidente. Ele faz parte da essência do ser. E nós, com o prometeísmo tecnológico, estamos a acelerar essa espécie de reconstrução do tecido ontológico do mundo.

Uma das suas linhas de intervenção tem a ver com as causas ambientais. No entanto, essa é uma área problemática onde é da maior importância, tanto para diagnosticar os problemas como para procurar linhas de solução, uma boa formação científica. Porém, a cultura filosófica tradicional é pouco aberta, e mesmo por vezes hostil, ao conhecimento científico. Continua a ser um problema o divórcio entre a Filosofia e as outras ciências?

Claro que sim. Segundo uma já antiga interpretação de Habermas (na obra de 1968, Conhecimento e Interesse), talvez tenha sido com Hegel, que pela última vez os filósofos ousaram olhar a Natureza como se esta não fosse uma total alteridade. A partir daí gerou-se esta divisão das “duas culturas”, a separação entre as ciências da Natureza e as do espírito, entre as ciências explicativas e as compreensivas.

Na comunicação social há já muitas vozes, sobretudo vindas da Economia, mas também da Psicologia, da Psicanálise, do Direito, da Literatura, da Ciência Política... O que pode trazer de novo a voz da Filosofia? Em que pode ser importante?

Temos obrigatoriamente de ajudar a reconstruir uma noção operatória de totalidade, um horizonte de plenitude de sentido (com o auxílio das outras disciplinas e saberes, como é óbvio). O nosso papel como filósofos é o de chamar a atenção para o facto de que nenhuma ciência particular pode substituir-se ao esforço de construção de uma “visão do mundo”. E isso é uma tarefa ecuménica das academias. Sem essa versão operatória da “totalidade” não sobreviveremos,

“A VERDADE É SEMPRE AQUILO QUE ESTÁ DEPOIS DO PRECONCEITO”

nem epistémica nem empiricamente.

“Se isto é um homem”... Poderíamos glosar Primo Levi a propósito da nova condição dos homens e mulheres desta nossa sociedade ameaçada. Há cada vez mais para cada vez menos e cada vez menos para cada vez mais. E, sinceramente, não há no horizonte promessa de que venha a ser diferente. Afinal, que sociedade estamos a construir?

Ninguém tem o desenho global da sociedade que aí vem. Ela é fruto de múltiplas emergências. O que me parece seguro é que o modelo de leitura baseado no progresso material está absolutamente comprometido. O crescimento tem pés de barro. E o caminho que estamos a seguir – se não o alteramos profunda e atempadamente – vai conduzir a uma catástrofe ontológica ou a uma metamorfose antropológica, no sentido do transhumanismo. Nenhuma das saídas me parece eticamente (e esteticamente também) aceitável.

E a filosofia não tem nada a dizer? Não se lhe ouve uma palavra. Tirando algumas excepções, é claro. Não terá a Filosofia perdido o comboio da informação científica que lhe permita falar com pertinência sobre o mundo real?

A Filosofia acantonou-se na metodologia, na questão da linguagem e do método. Vejam-se Popper e Kuhn. Descurou as dimensões éticas e políticas daquilo a que o químico Paul Crutzen chama a “Era do Antropocénico”. Teve receio de cair no moralismo... E deixou aos cientistas naturais o discurso sobre os grandes temas filosóficos...

A tradição metafísica da Filosofia não nos levou ao desinteresse pela nossa realidade física, das condições reais da nossa existência e mesmo a deixarmos os cuidados com o mundo a outros que disso se ocupavam, os políticos?

Pelo contrário. Não nos soubemos manter fiéis à ambição teórica da metafísica. Desistimos de pensar o ser em totalidade. Tudo se tornou demasiado difícil e complicado ... O que ocorre é que muitos filósofos contemporâneos não percebem que a metafísica hoje passa pelo estudo das condições de possibilidade de um mundo em

mudança acelerada por causas antropogénicas. Hoje deveríamos pensar na verdadeira antropofísica que se dissemina pelo corpo do mundo inteiro. Nos seus limites e possibilidades. No seu significado, em suma.

É um especialista sobre a Europa. A Europa tem futuro? A pergunta não é se desejamos que tenha. Mas se, naquilo que existe, nas forças em presença, ainda há futuro para a Europa ou se já entrou num ciclo de entropia irrevogável.

Julgo que já não poderemos evitar um choque. Os problemas são claramente superiores aos recursos colocados no terreno como resposta. A Europa poderia salvar-se. Tem meios materiais e humanos mais do que suficientes para tal. Mas o que a Europa não tem é pensamento e um caminho estratégico. Já passámos o Rubicão. O choque vai ocorrer, dentro de meses, ou mesmo semanas. Não sabemos se esse choque vai conduzir a uma mudança de rumo positiva ou se, pelo contrário, vai acelerar a autodestruição do projecto de unidade europeia. Em qualquer dos casos estamos a viver uma época trágica por excelência.

A Filosofia é obrigatória para todos no ensino secundário durante dois anos e foi-o para muitos obrigatória durante três anos. Podemos dizer que a sociedade portuguesa sofre de iliteracia filosófica ou, ao contrário, que os portugueses, em virtude desse banho escolar, são relativamente cultos filosoficamente?

Tem havido oscilações. Mas diria que, comparativamente, a cultura filosófica em Portugal desenvolveu-se com a democracia. E o resultado está à vista na produção científica e na literatura disponível. Mas podemos e devemos melhorar naquilo que se poderá designar como a capacidade de penetração e influência da Filosofia nos centros nevrálgicos de decisão política, económica, e cultura.

Um estudante no final do secundário pensa seguir Filosofia, um outro está já a cursar Filosofia no ensino superior. Os lugares no ensino estão já ocupados. Que futuros profissionais na Filosofia o esperam? Que pode vir a fazer como profissional de Filosofia?

A Filosofia é hoje um saber indispensável se a sociedade quiser sobreviver ao desafio da complexidade. Os filósofos podem e devem ser úteis como construtores de pontes entre saberes, disciplinas e actividades profissionais. Mesmo no ensino, os filósofos deveriam ser indispensáveis, numa óptica de metodologia crítica e axiológica, nos mais diversos campos do saber.

Assistimos a novas formas da presença da Filosofia na sociedade. Os cafés filosóficos, o aconselhamento filosófico, as universidades populares, a Filosofia para crianças ou com crianças e, por outro lado, o mundo digital com os blogs, as páginas de filósofos, as redes

sociais... Como é que vê todo este fervilhar? Vai alterar o estatuto da relação da Filosofia com a sociedade?

Sem dúvida. A Filosofia está hoje, através dos novos meios de diálogo e comunicação, através das novas esferas e espaços públicos, a transmitir a mensagem de sempre: a verdade é sempre aquilo que está depois do preconceito. E hoje o que não faltam é ídolos a ocupar os lugares da infundável pesquisa pela verdade: as superstições tecnológicas e positivistas, por exemplo.

Podemos saber qual é o trabalho filosófico que tem agora entre mãos?

Estou a preparar um trabalho de síntese crítica sobre o meu percurso na filosofia. Estou a tentar compreender as articulações, eventualmente sistemáticas, entre aquilo que posso considerar como as minhas próprias contribuições para diversos temas. Uma obra para balanço e perspectivas. Ainda sem título.

PARA MAIS INFORMAÇÃO CONSULTAR:

www.viriatorosoromenho-marques.com

OU, "AO VIVO" MAS EM DIFERIDO:

Na Culturgest, Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar
por Viriato Soromenho-Marques
<http://www.culturgest.pt/actual/06-soromenhomarques.htm>

DE ENTRE OS LIVROS QUE PUBLICOU, MERECEM DESTAQUE:

Europa: o risco do futuro (Lisboa, Dom Quixote, 1985);
Direitos humanos e revolução (Lisboa, Colibri, 1991);
Europa: labirinto ou casa comum (Lisboa, Publicações Europa-América, 1993);
Regressar à Terra: Consciência ecológica e política de ambiente (Lisboa, Fim de Século, 1994);
História e política no pensamento de Kant (Lisboa, Publicações Europa-América, 1995);
A Era da Cidadania. De Maquiavel a Jefferson (Lisboa, Publicações Europa-América, 1996);
Ambiente e futuro: O caso português (Matosinhos, C.M. de Matosinhos, 1996);
O futuro frágil. Os desafios da crise global do ambiente (Lisboa, Publicações Europa-América, 1998);
Razão e Progresso na Filosofia de Kant (Lisboa, Edições Colibri, 1998);
Ecologia e Ideologia (em co-autoria, Livros e Leituras, 1999);
A Revolução Federal: Filosofia Política e Debate Constitucional na Fundação dos E.U.A (Lisboa, Edições Colibri, 2002);
O Federalista, de Hamilton, Madison e Jay, tradução, introdução e notas com a colaboração de João C. S. Duarte (Lisboa, Edições Colibri, 2003);
O Desafio da Água no Século XXI. Entre o Conflito e a Cooperação (coordenação científica, Lisboa, Editorial Notícias, 2003);